

Um perigoso jogo de máscaras

Ana Margarida Ramos
Universidade de Aveiro
aramos@dlc.ua.pt

Depois da publicação, nos últimos anos, de grandes sucessos editoriais como *Chocolate*, *Vinho Mágico*, *Cinco quartos de laranja* ou *Praia Roubada*, é agora lançado, novamente sob a chancela da ASA, o romance *Na corda bamba* da autora inglesa Joanne Harris.

Situado, do ponto de vista cronológico, nos inícios do século XVII, o que configura uma novidade em relação aos seus romances anteriores, todos mais ou menos localizados em momentos contemporâneos (sendo a principal exceção *Cinco quartos de laranja*, que revisita a II Guerra Mundial, dando conta de algumas das suas consequências ao nível mais privado e familiar), *Na corda bamba* mantém a preferência da autora pelo espaço francês, nomeadamente uma exígua e isolada ilha onde decorre, predominantemente, a acção central do romance. A opção por espaços reduzidos, quase sempre claustrofóbicos como as ilhas (*Praia Roubada* e *Na corda bamba*) ou as aldeias e pequenas vilas (*Chocolate*, *Vinho Mágico*) proporciona, do ponto de vista das relações sociais e pessoais, quer a existência de conflitos, que a narrativa explora, quer a análise detalhada da interioridade dos protagonistas, quase sempre exilados (e/ou em fuga) para espaços que não são os seus.

No caso de Juliette, a protagonista deste romance, deparamo-nos com uma personagem que concilia traços psicológicos e até biográficos já encontrados em romances anteriores, uma vez que, depois de uma vida atribulada onde desenvolve actividades marginais, ligadas às artes de palco, nos limites da lei e da religião oficial, é obrigada a refugiar-se num convento, assumindo o papel de *sœur Auguste*, para, deste modo, proteger a sua vida e a da sua filha Fleur, que, entretanto, dera à luz. Mas esta tentativa de fuga do passado revelar-se-á infrutífera, com a chegada, ao convento, de uma personagem que também deixara para trás – Guy LeMerle, também ele, como ela, assumindo agora uma outra identidade, e jogando, até ao

limite, um perigoso jogo de máscaras e travestimentos vários de que o romance dá conta.

A construção da narrativa, sempre realizada em primeira pessoa, faz-se pela alternância, ainda que não equilibrada, entre as vozes de Juliette e LeMerle que, sob a forma de notações de tipo diarístico – vejam-se as referências de cariz cronoespacial, situando, linearmente, os registos – dão conta da sucessão dos factos e dos dias e das perspectivas diferentes de ambas as personagens, sem que as memórias do passado, sob a forma de várias analepses explicativas, deixem de estar presentes, esclarecendo as situações, comportamentos e atitudes do momento da narração.

O passado, seja o da infância, da adolescência e juventude ou o da idade adulta, é um pesado fardo que os protagonistas dos romances de Joanne Harris têm de carregar, rememorando-o constantemente e lidando com as suas consequências. Os nós mais resistentes das intrigas romanescas desta autora residem, de facto, na forma como as personagens centrais lidam com este tempo ausente e com os conflitos e traumas que ele deixou por resolver. E se, num primeiro momento, a fuga (física ou simbólica) parece ser a solução mais simples, depressa as personagens se apercebem da necessidade da catarse que ocorrerá após um confronto directo com essa bagagem (e suas personagens, erros, crimes, acontecimentos, ...) a que se segue a sua aceitação e, finalmente, a resolução.

Assim, no caso de Juliette, a obtenção da paz interior e da felicidade que procura terá de passar não simplesmente pela continuação da fuga, mas pelo abandono das máscaras e dos disfarces, pela protecção das irmãs do convento, joguetes no processo de vingança de LeMerle, e, posteriormente, também pela salvação deste, depois de entregue à Justiça. A solidariedade para com os que a rodeiam, sejam eles os artistas saltimbancos, os ciganos ou as irmãs da comunidade, cada um deles com os seus tiques, vícios e virtudes, induz Juliette à acção, numa demanda de reparação do mal que a rodeia e que, por alguns instantes, quase a seduz.

Deste modo, e apesar de completamente antitética à vigente, a moral da protagonista revela-se assaz particular e decorre dela um sentido de justiça e de igualdade entre todos quase anacrónico e perfeitamente excêntrico em relação à religião e ideologia oficiais. Por isso, apesar de situado no século XVII, e das inúmeras referências históricas que são feitas a este momento preciso, o romance

Na corda bamba serve-se do passado apenas como cenário para uma acção pautada, predominantemente, pelo tratamento diegético de uma personagem feminina de elevada densidade psicológica que se assume claramente como detentora de uma personalidade e uma vivência que não se coadunam com os cânones impostos, mas em que a liberdade individual (de pensamento e acção) e a ligação, profunda e ancestral, aos elementos da Natureza têm papel de relevo, sem necessidade da religião oficial como intermediária.

Na corda bamba é, pois, um romance de afirmação de identidades esquecidas e/ou historicamente marginalizadas que confluem na protagonista: mulher, mãe sozinha, elemento do povo, artista, "freira", "pagã" ou de religião formalmente não definida, crente nos elementos da Natureza e nos contributos do conhecimentos científico, construindo, assim, uma personalidade esclarecida e medianamente culta que, não obstante a sua inverosimilhança, convence e seduz o leitor, prendendo a sua atenção, numa leitura que acompanha o seu percurso repleto de aventuras e peripécias, e que, paulatinamente, preencherá, um a um, todos os espaços em branco, todas as lacunas do romance.

Na Corda Bamba, Joanne HARRIS, Porto, Edições ASA, 2003